

Memória

O reino dos predecessores e dos sucessores

Depoimento da ganhadora do Prêmio Luiz Beltrão 2008, categoria maturidade acadêmica

Marialva Carlos Barbosa (Professora Doutora da Universidade Federal Fluminense -UFF)

Olho ao redor e vejo rostos significativos na minha trajetória. Alunos, ex-alunos, amigos, companheiros de percurso. São essas pessoas que fazem e fizeram a minha existência. Sem elas não teria trilhado o caminho que percorri para chegar até aqui e proferir hoje esse discurso.

Olho ao redor e sinto ausências. Do companheiro de longa data que com sua alma e sua música faz a minha existência mais feliz e mais digna. Do velho pai que com sua falta há muito deixou cicatrizes profundas de dor na minha alma.

Olhando pela janela ao chegar a Natal vi restos de um passado que deixaram marcas significativas na minha história. A minha fala se reveste da emoção que esse prêmio, signo de distinção e de reconhecimento, trouxe a minha existência e será definida por duas expressões que, em certa medida, revelam a minha própria trajetória: *sentido histórico e reconhecimento*.

O fato de receber essa homenagem em Natal dá a ela uma significação particular. 1944, em plena II Guerra Mundial, meus antepassados, especificamente minha mãe pisou nesse solo fugindo de mais uma seca que dilacerara as terras vincadas do sertão do Rio Grande do Norte em busca da sobrevivência. Dois anos depois, seguiria para um lugar ainda mais distante: o sonho de encontrar no sul, como se dizia então, as chances para uma vida melhor fez com que eu, por uma espécie de desvio de caminho, tivesse nascido oito anos depois na cidade do Rio de Janeiro. Mas minha alma, meus ancestrais, minhas raízes, minha trajetória está de forma indelével ligada a esse chão.

Cresci ouvindo histórias sobre essa terra e essa gente: a grande seca do final dos 1800 que assombrava a memória de minha avó, as velhas histórias de Lampião quando passou com seu grupo

de cangaceiros pelo sertão dos Angicos, a lembrança de Frei Damião com suas andanças pelo sertão em busca de apaziguar a alma e o corpo dos sertanejos. Carnaubais, ou Santa Luzia dos Carnaubais como se dizia então, se tornou uma espécie de terra mítica das memórias de minha infância. Dois universos textuais faziam parte das lembranças contadas pelos ancestrais: a realidade dura advinda da adversidade da terra seca convivia com a imaginação que possibilitava a eles contar histórias e cantar cantigas. Cantigas e histórias que relembavam feitos mirabolantes de batalhas imaginárias, de condes e princesas, de palácios e castelos que só existiam na imaginação de quem, pela força da oralidade, repetia versos rimados, aprendidos de cor. Uma gente que nunca aprendera a ler e a escrever, mas que possuía a sabedoria dos que cultivam a força para transformar a existência.

O passado mais longínquo da minha memória refere-se a essas lembranças que colocavam em cena um lugar que nunca tinha visto, mas que sempre existiu na minha alma como imagem/imaginação. Uma imagem que marca o primeiro momento de uma trajetória fixada pela linha imaginária de um tempo calendário, do qual retirarei alguns marcos a partir dos trabalhos da minha memória.

Emergem primeiramente esses ancestrais e as lembranças que tenho deles e que estão intimamente ligadas à imagem que tenho de mim mesma. Idéias como responsabilidade, solidariedade, justiça, sinceridade, honestidade, enfim todas as motivações que me levaram a realizar atos, que são ou poderão ser admirados e respeitados, provém desse lugar longínquo que defino como o *reino dos predecessores*¹. Portanto, a eles a minha homenagem primeira, homenagem essa envelopada de outra dimensão, pois foi esta terra que os viu nascer.

Um autor por quem tenho profunda admiração disse, certa vez, que a primeira e grande abertura em direção ao passado deve-se à memória. É pela memória que identificamos a seqüência das gerações, mostrando que há contemporâneos, que houve predecessores e haverá sucessores. É a seqüência das gerações que

1 Essa idéia de relação anônima entre contemporâneos, predecessores e sucessores foi cunhada por Alfred Schutz. Apud RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa. Volume III. Campinas: Papirus, 1997.

indica a nossa própria dimensão temporal. É pela memória, ainda, que as coisas vistas se transformam nas coisas ditas.

A memória, espécie de lugar de nutrição da identidade, é a abertura fundamental que nos informa sobre a materialidade do passado. São esses trabalhos da memória que descortinam a existência, que materializam as vivências, que nutrem as emoções.

No reino dos predecessores há outros momentos dignos de serem lembrados pelos trabalhos da minha memória. Desde muito pequena sabia que as dificuldades cotidianas só poderiam ser ultrapassadas pelo esforço individual. Enxerguei nas letras uma espécie de tabula rasa para conseguir entrar em outros mundos. Talvez porque esse mundo das letras fosse completamente desconhecido por aqueles que me cercavam. Queria mudar aquela vida, e hoje descubro que o ponto de chegada volta ao ponto de partida. O reino dos predecessores determina a nossa existência.

Uma longa trajetória de vida foi, então, seguida. Livros e livros fizeram parte da minha existência, indicando mundos desconhecidos, sabedorias diversas, possibilidades de outras vidas. Ao longo desse percurso, aprendi a respeitar os que me antecederam, já que não há possibilidade de construir conhecimento que não seja de maneira cumulativa. O chamado das letras me levou quase que naturalmente a escolher ser jornalista.

A partir daí minha vida profissional se ligou de forma permanente à instituição que me acolheu, primeiro como aluna e depois como professora, há mais de 30 anos. Sou produto também da Universidade Federal Fluminense e me orgulho disso. Lá fiz graduação em Jornalismo, mestrado e doutorado em História. Lá comecei a dar aulas em março de 1979. Formei, ao longo desse tempo, centenas de alunos e aprendi com eles mais do que ensinei. Convivendo com sua alegria, sua força, seus projetos e seus desejos somos tomados por uma capacidade de renovação permanente. Lá aprendi a respeitar os que me antecederam, percebendo sempre que o que digo hoje é produto da minha história e do discurso de outros tantos que falaram antes de mim.

O *reino dos predecessores* é repleto de figuras a quem admiro. Alguns ensinaram, outros acolheram, outros tantos partilharam. A

competição desenfreada que o mundo de hoje vê surgir nas universidades, como se lá fosse esse lugar de disputa em direção ao sucesso, faz com que alguns esqueçam que somos produto de todos os predecessores e a eles devemos render as nossas homenagens.

A história me ensinou muitas coisas. Talvez a mais importante seja que ela é sempre produto de homens e mulheres que fazem e *padecem* a sua própria história. Padecem porque a história que não fizemos nos afeta pela força do tradicionalismo. E o reconhecimento incide invariavelmente sobre o homem que age e sofre, por que apenas por suas ações e suas dívidas temporais ele percebe que é capaz de outras realizações.

A história também me ensinou que o tempo cronológico – uma das mais importantes dimensões teóricas da disciplina – só existe em relação ao tempo da vida. Ainda que seja responsável pela refiguração do tempo a partir de certos instrumentos de pensamento, a idéia de seqüência de gerações e a do reino dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores permitem, em certa medida, uma reinvenção do tempo: pode-se a partir dessas figuras de pensamento conectar o tempo da vida ao chamado tempo universal.

No tempo da vida há todo um percurso a ser lentamente trilhado. Não há possibilidade de saltar tempos, encurtar etapas. Nossa vida se configura como uma espécie de tempo calendário particular, no qual o acontecimento fundador marca, pelo nascimento, um momento axial a partir do qual a nossa trajetória será datada. Tudo o que ocorreu antes é o passado e caminhamos sempre do passado para o presente e do presente para o passado ou para o futuro. Há invariavelmente um agora, que é o ponto mais inflexivo de um momento considerado, através do qual se olha em direção a um tempo pretérito ou a um tempo futuro. Essa relação temporal marca também definitivamente o que estou chamando reino dos predecessores, dos contemporâneos e dos sucessores.

A idéia de seqüência de gerações, que transformo em momento fundamental dessa fala, também me foi revelada pela dimensão histórica, ou *sentido da história*, com que passei a enxergar o mundo. Há uma relação anônima, mas plenamente identificável, entre contemporâneos, predecessores e sucessores. Há uma trama que coloca esses atores em relação. Pertencem a mes-

ma geração, contemporâneos que foram expostos às mesmas influências, marcados pelos mesmos acontecimentos e pelas mesmas mudanças (RICOEUR, 1997). Esse sentimento de pertença produz uma bagagem e uma orientação comum que permitem identificar um grupo como próprio de uma mesma relação temporal vivida. Pessoas dispostas a pensar, a agir e a sentir da mesma maneira. É por viver um mesmo tempo que esses indivíduos se relacionam entre si. Pessoas que são designadas como vivos e que ocupam, seja pelos trabalhos de memória, seja pela materialidade da existência, o lugar dos mortos.

É por isso que estão vivos na minha memória. Pessoas que fizeram a minha história e que hoje ocupam a imaterialidade da vida, mas que, mesmo assim, comparecem aqui como predecessores. Da mesma forma, abri essa fala me referindo ao reino dos contemporâneos. Pessoas que tiveram e têm significação na formulação do caminho da minha existência.

Mas é a seqüência de gerações, a substituição de uma pela outra, que possibilita a continuidade histórica, relacionando tradição e inovação. É preciso caminhar em direção ao *reino dos sucessores*.

O reino dos sucessores – Mesmo sem levantar a cabeça e olhar em torno sinto a presença dos sucessores. Muitos deles estão aqui me rendendo homenagem, num “percurso” que também é “de reconhecimento”².

Deixarei para o último momento, a reflexão sobre os caminhos futuros que poderão ser inaugurados por aqueles que denominamos, no presente, sucessores e, sobretudo, o percurso que ainda precisa ser trilhado no campo da comunicação para que também a nossa área alcance maior “reconhecimento”.

Observo que a palavra reconhecimento se impõe a esta fala como uma espécie de evidência. Há que definir de que reconhecimento estamos falando e, sobretudo, o que está sendo reconhecido.

Ao longo das trajetórias profissionais e, sobretudo, no campo acadêmico temos poucos momentos de reconhecimento público.

2 *Percurso do reconhecimento* é o nome de um livro de Paul Ricoeur (São Paulo: Loyola, 2006), editado originalmente em francês com o título *Parcours de la reconnaissance – Trois études*. Éditions Stock, 2004.

As premiações, signos de distinção que produzem o amálgama do grupo, são escassas. Vivemos o cotidiano do trabalho e raramente alguém se lembra que necessitamos desses signos de distinção (para usar a expressão de Pierre Bourdieu) para tomar consciência de que o trabalho que realizamos possui importância real e simbólica. Daí a enorme relevância desse prêmio instituído pela Intercom, não só para mim, mas para todos nós.

Ao viver cotidianamente ocupamos uma pluralidade de papéis, mas apenas um deles é objeto do reconhecimento. No caso desse prêmio, de enorme importância, reconhece-se uma trajetória de vida como sendo inscrita numa maturidade acadêmica. Ou seja, entre a pluralidade de papéis que exercemos ao viver cotidianamente apenas um deles – o lugar de produtor de conhecimento – é objeto do reconhecimento.

Reconhecer é, portanto, atribuir um valor, mas é também descortinar, ou seja, saber quem é aquele que ocupa um lugar. Mas para reconhecer é preciso que haja uma marca. Nessa fala de agradecimento e ao prepará-la fiquei pensando qual seria a marca mais significativa na minha trajetória acadêmica que permitiu que fosse reconhecida a minha maturidade.

Sendo uma palavra caracterizada por sua polissemia, reconhecer é uma expressão – entre dezenas de outras possibilidades interpretativas – que designa, na voz ativa, a idéia de alguém ou algo que se reconhece a partir de sinal ou de uma marca. Reconhecer, nesse sentido, é distinguir, identificar, conhecer por meio da memória, pelo julgamento ou pela ação. Já o uso verbo na voz passiva – ser reconhecido – expressa uma expectativa que só se realiza quando há o reconhecimento mútuo. E é desse último sentido que me ocupo agora.

É sempre da identidade que se trata no reconhecimento de si. É a nossa identidade mais autêntica que nos faz ser o que somos e que solicita ser reconhecida. Ao se reconhecer, se afastando da idéia de conhecimento, se abre novamente caminho para o conhecimento.

Portanto, são todas as minhas características mais individuais e minha própria trajetória que também estão sendo reconhecidas: o caminho de alguém que saiu do mundo da oralidade para o do letramento, do mundo do analfabetismo para o reino das letras, do mundo da fome para o reino da fartura.

Se a história me ensinou muitas coisas, o fato de estar imersa há mais de 30 anos pensando a Comunicação como processo complexo foi fundamental para o entendimento do mundo como narrativa. Para mim a história nada mais é do que ato comunicacional. Ao se referir ao fracasso ou ao sucesso de homens que vivem e trabalham juntos em sociedades ou nações, com pretensão ou ao verdadeiro ou ao verossímil, a história é fragmento ou segmento de um mundo da comunicação.

Há sempre uma expectativa comunicacional envolvida nas histórias que contamos: queremos que sejam únicas, singulares, coisas que ninguém nunca foi capaz de escrever. Mas só haverá entendimento se a história puder ser seguida por aquele que a lê, a decifra e a interpreta. Mas as histórias só merecem ser narradas e seguidas se a sua temática se referir a interesses e a qualidades humanas. Há sempre um nexo com os sentimentos nas histórias que contamos.

Falando no e pelo texto quero retomar como ponto final dessa minha voz narrativa a questão com que iniciei essa fala. A minha voz narrativa caminha na direção daqueles que ajudei a formar e que hoje, gradativamente, ocupam posições que já ocupei um dia. O reino dos sucessores se impõe com a mesma naturalidade que observamos o ritmo de sucessão da vida. O reino dos sucessores indica o caminho que trilhamos na construção de algo que atravessa o tempo.

Os que se dedicam há décadas ao ensino podem identificar aqueles que serão os sucessores. Titubeantes de início, ávidos por conhecimento em seguida, deslumbrados diante do saber mais a frente procuram nas palavras que proferimos reconhecer uma sabedoria, que, na maioria das vezes, só existe no desejo de cada um deles de continuar o caminho que começamos a trilhar.

Ao viver cotidianamente a nossa existência assumimos papéis e deixamos essas máscaras serem adaptadas nos rostos de novos atores. O tempo de finitude não se concretiza porque aos antepassados se impõem os sucessores. Outras pessoas, igualmente portadoras de um simbolismo opaco, cujas figuras ocupam o lugar de outro, prolongando a vida. Os sucessores, a rigor, produzem o milagre de transformar a morte em algo anônimo. Continua-se vivo na existência de outro, na busca permanente da idéia de imortalidade.

Desejaria que essa imortalidade se transformasse na construção de parâmetros dignos para nossa área de reflexão. Gostaria que os sucessores caminhassem sempre reconhecendo que aqueles que viveram os tempos idos percorreram caminhos dignos de serem reconhecidos no futuro. Só pensando num conhecimento de cunho cumulativo, só reconhecendo as limitações de nossos saberes, só visualizando o passado no futuro poderemos construir parâmetros sólidos para a nossa reflexão teórica.

Acredito, sinceramente, que as gerações futuras terão a tarefa ética de consagrar todos os seus esforços em proveito não apenas das gerações que as sucederão, mas de reconhecer aquelas que antes delas trabalharam para construir um mundo melhor. Habitar um edifício construído em vários níveis, correspondentes aos múltiplos tempos da atividade humana, parece ser uma bela utopia para o futuro. Os sucessores reconhecerão a longa linhagem dos precursores, que com seus atos prepararam múltiplos caminhos que continuarão a ser trilhados. Esse papel atribuído às gerações nada tem de estranho: a rigor, através dessa idéia estamos vinculando a noção de história humana à noção de espécie humana.

A substituição das gerações, por outro lado, permite a continuidade histórica, colocando lado a lado tradição e inovação. Mas é preciso visualizar o caminho da inovação como algo que nasce de um passado repleto de conhecimentos produtores de sentido que devem ser sempre considerados. É do cruzamento entre bagagem que recebemos e abertura de novas possibilidades que o conhecimento é feito.

O reino dos sucessores é rico, portanto, em possibilidades. É pleno, também, dos afetos e das afetações da vida que marcamos o olhar com que os fitamos. A nossa história é tributária do reino dos predecessores, de suas histórias que construíram a nossa existência, mas é feita também pelas partilhas que construímos com os contemporâneos e, sobretudo, com as expectativas que lançamos aos sucessores. Sem a sua presença viva e ativa, como nos lembrar da passagem do tempo, da finitude da vida e, também, da certeza da continuidade que suas presenças materializam? Portanto, meu carinho especial e o meu reconhecimento aos sucessores que ocupam lugares nessa sala para reconhecer um percurso que, longe de ser apenas meu, é de todos que partilharam comigo essa longa história.

Marica-RJ, agosto de 2008.

Socicom fortalece a Comunicação como campo do saber no Brasil

Ana Silvia Médola (Professora Dra. da Universidade Estadual Paulista - UNESP/Bauru e vice-presidente da Socicom) .

O ano de 2008 registra um marco importante para o fortalecimento e desenvolvimento da Comunicação como campo de saber com a fundação da Socicom - Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação. Criada oficialmente no dia 2 de setembro, em Natal – RN, a federação tem como uma de suas metas desenvolver ações destinadas à consolidação da Comunicação como Grande Área de Conhecimento, atuando junto às instituições responsáveis pelas políticas públicas de ciência e tecnologia, bem como os órgãos reguladores e avaliadores do ensino superior em nível de graduação e pós-graduação.

Ao longo da última década a área de Comunicação apresentou um grande crescimento nas matrículas da graduação, chegando a cerca de 200 mil alunos, distribuídos em mais de 700 cursos. No caso da pós-graduação *stricto sensu*, o número de programas de mestrado e doutorado credenciados pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – passou de 12 em 1997 para 35 em 2008. Este quadro de consolidação das ciências das comunicações como área científica decorre também da atuação das associações científicas e acadêmicas existentes no país desde o começo dos anos setenta do século passado.

A criação da Socicom foi incentivada pelo Prof. Dr. José Marques de Melo como uma forma de criar as condições de diálogo entre as entidades da área, constituindo-se em fórum legítimo e adequado para o debate constante sobre o desenvolvimento científico, artístico e tecnológico da Comunicação. O primeiro passo para a constituição da federação foi a realização do Fórum das Sociedades Científicas de Comunicação (I Socicom), realizado entre 31 de agosto e 1º de setembro de 2007, no campus da Unisanta, em Santos, durante o congresso anual da Intercom. Na

ocasião, as entidades científicas e acadêmicas de comunicação formaram uma comissão para encaminhar os trabalhos de criação de uma federação para representar os interesses da área frente às agências de fomento e contribuir com os órgãos de governo na elaboração de políticas para a pesquisa e ensino em Comunicação.

Um ano depois a assembléia de aprovação do estatuto de fundação da Socicom teve a participação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, representada pelo professor Dr. José Marques de Melo; Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, representada pela professora Dra. Ana Silvia Médola; Abrapcorp - Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Corporativa e Relações Públicas, representada pela sua presidente, professora Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch; do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo - FNPJ, representado pelo professor Dr. Gerson Luiz Martins; Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, representada pelo professor Dr. Elias Machado Gonçalves; União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura - Seção Brasileira - ULEPICC-Brasil, representada pelo professor Dr. César Bolaño; Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura - ABCiber, representada pelo seu presidente, professor Dr. Eugenio Rondini Trivinho; Associação Brasileira de Pesquisa em História da Mídia - Rede Alcar, representada pela professora Dra. Marialva Barbosa; Associação Brasileira de Pesquisa em Comunicação - Rede de Estudo e Pesquisa em Folkcomunicação - Folkcom, representada pela presidente, professora Dra. Betania Maciel e Associação Brasileira de Jornalismo Científico - ABJC, representada pelo professor Dr. Adolpho Queiroz. Embora impossibilitados de enviar representantes, a Forcine e a Socine, também são entidades fundadoras.

A assembléia de fundação da Socicom elegeu a primeira diretoria, composta pelos professores José Marques de Melo, presidente; Ana Silvia Médola, vice-presidente; Margarida Kunsch, diretora de relações internacionais; Elias Machado Gonçalves, diretor de relações nacionais e Anita Simis, diretora administrativa.

A federação possibilita que na diversidade da área seja ampliado o conhecimento mútuo e a cooperação entre as entidades,

focalizando problemas comuns e ações coordenadas para a melhoria do campo. Dessa forma, a federação cumpre a função de representar de modo articulado os interesses das associações frente aos órgãos públicos e privados, de modo a contribuir para a constante melhoria da qualidade e da diversificação do ensino e da pesquisa em Comunicação realizada no Brasil. Também é meta estabelecer o diálogo com entidades representativas da indústria, do comércio, das profissões, da sociedade civil e dos movimentos populares, que atuam nos ramos da mídia e da comunicação social, considerados estratégicos.

A forma como a Socicom está estruturada tem ainda o propósito de fomentar iniciativas de estímulo à cooperação entre instituições congêneres e de áreas conexas, no país e no exterior. Nesse sentido, uma das primeiras ações da federação voltadas à internacionalização da área é a integração à Confederação Ibero-americana das Associações Nacionais e Regionais de Ciências da Comunicação – Ciberamericom, marcada para abril de 2009, durante a assembléia de constituição da confederação. O evento integra a programação do XI Ibercom - Congresso Ibero-Americano de Comunicação, a se realizar na Universidade da Madeira, cidade de Funchal, na atlântica Ilha da Madeira, Portugal.

O Conselho Deliberativo da Socicom, instalado no dia 1º de dezembro de 2008 em reunião realizada na sede da federação em São Paulo, elegeu o prof. Dr. César Bolaño presidente do Conselho. Nesta primeira reunião ordinária foi aprovado o plano de metas da Socicom para o biênio 2008-2010 prevendo ações para a estruturação da entidade, consolidação das vias de diálogo entre os dirigentes das associações filiadas e segmentos da sociedade, além da ampla divulgação das atividades da federação e do pensamento comunicacional brasileiro.

A Socicom tem sua sede na cidade de São Paulo, av. Brigadeiro Luis Antonio, 2050 – conj. 36/38, no bairro da Bela Vista, região central da Cidade de São Paulo (junto à Estação Brigadeiro do Metrô e próximo à Avenida Paulista). Email: socicom@hotmail.com.br

Políticas de comunicação e da cultura são temas de debate no V Colóquio Brasil-Espanha

Nelia R Del Bianco (Professora Dra. da Universidade de Brasília –UNB- e vice-presidente da Intercom)

Cerca de 200 pesquisadores brasileiros e espanhóis participaram do V Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade de Brasília, entre 28 a 30 agosto de 2008. Com uma organização diferenciada em relação às edições anteriores, os cinco temas do Colóquio foram debatidos em dois momentos: primeiro, por uma mesa com a participação de dois pesquisadores convidados de cada país; em seguida, o tema era abordado por meio de trabalhos selecionados pelo comitê científico. Foram 27 *papers* escolhidos de um total de 68 proposições.

O tema central “Políticas de comunicação e da cultura: contribuições acadêmicas e intervenção social” – com seus subtemas: “Comunicação e desenvolvimento”, “Indústrias culturais”, “Produção de conteúdo e digitalização”, “Movimentos sociais, cidadania e comunicação”, “Diversidade cultural e realidades regionais” e “Estratégias de comunicação nas organizações públicas e privadas” – permitiu reunir reflexões sobre uma vertente dos estudos de comunicação da maior relevância na contemporaneidade.

Na avaliação dos participantes, as contribuições dos expositores trouxeram subsídios para se compreender a construção políticas públicas diante da globalização das comunicações e da convergência tecnológica. Em várias das exposições foram mencionadas iniciativas capazes de provocarem mudanças no âmbito das comunicações e da cultura mediante ação do Estado e da sociedade civil organizada.

Na mesa-redonda “Indústrias Culturais, produção de conteúdo e digitalização”, a pesquisadora da Rosa Franquet, da Universidade Autônoma de Barcelona, falou sobre a convergência tecnológica e TV Digital, especificamente na experiência espanhola, além dos desafios das emissoras para se manterem dinâmi-

cas no mercado concorrido da TV Digital. Outro participante da mesa, professor Valério Brito, da Universidade do Vale do Rio Sinos – Unisinos, do Rio Grande do Sul, apresentou os desafios para o processo brasileiro de digitalização. Segundo o pesquisador, “o Brasil precisa enfrentar o problema da oligopolização do mercado de comunicação, especialmente da TV. É preciso dar voz a setores tradicionalmente excluídos”. Brito ainda comentou a respeito das dificuldades das pequenas emissoras (comunitárias, universitárias etc.) para se manterem diante do caro processo de digitalização. O pesquisador Emili Prado, também da Universidade Autônoma de Barcelona, expôs sua visão a respeito das dificuldades de implantação de regulamentação e políticas comunicacionais com a digitalização: “no período analógico, se podiam implantar rígidas fronteiras entre os Estados, assim, cada um poderia conduzir suas políticas de Comunicação. Com a digitalização essas fronteiras desaparecem, o que cria problemas para o controle do Estado dos meios de comunicação.” O pesquisador pediu atenção na condução desse processo: “Diversificação de canais não significa diversificação de conteúdo”, concluiu.

Na discussão do tema “Comunicação e Desenvolvimento”, os pesquisadores destacaram o papel da Comunicação no desenvolvimento das culturas, a importância do ensino de Comunicação e desenvolvimento no Brasil, os percalços e, algumas vezes, a impossibilidade de desenvolvimento em algumas situações. Em sua exposição, Francisco Sierra Caballero, da Universidade de Sevilha, destacou a cultura como uma ferramenta de diversificação e reconstrução. Ele ainda discorreu sobre a nova cultura urbana, uma articulação complexa entre o universal, o regional e o local. O professor da Universidade de Málaga Manuel Chaparro Escudero enfatizou o fracasso do desenvolvimento e a impossibilidade de sua realização na Comunicação dentro de moldes tradicionais. Para Escudero, quando se fala de Comunicação e desenvolvimento é preciso se considerar a necessidade de uma comunicação real, de empoderamento das pessoas em relação aos meios e da essência revolucionária do ato de comunicar. Citando que a utopia é a linha do horizonte que sempre queremos alcançar, o professor terminou sua apresentação dizendo que as universidades

ensinam seus alunos a trabalharem nos meios de comunicação, mas elas deveriam ensiná-los a construir meios.

A participação da sociedade civil nos debates da comunicação 20 anos pós-Constituição foi analisada pelo professor Edgard Rebouças da UFPE. Na mesa redonda “Movimentos sociais, cidadania e comunicação”, Rebouças disse que “estamos vivendo um momento ímpar de debates de políticas de Comunicação, e tanto o governo quanto a sociedade civil estão despreparados”. O professor elencou casos de organizações que se voltam para esse debate, entre elas o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) ‘Quem financia a baixaria é contra a cidadania’ e o coletivo Intervozes. Por outro lado, Josep Lluís Gómez-Mompart, da Universidade de Valência, discutiu o legado cívico-comunicativo dos novos movimentos urbanos na última metade do século. O professor refletiu sobre grupos humanos que orientam suas ações em prol da construção da cidadania ou da reivindicação de direitos cívicos e, para isso, usam os meios de comunicação. Ele também refletiu sobre em que medida o uso da Comunicação enriqueceu de forma teórica ou prática o patrimônio popular democrático. Em sua apresentação nesta mesa, Cicilia Peruzzo mostrou as inter-relações entre movimentos sociais e Comunicação, por meio de um resgate histórico, da cidadania, do processo de edu-comunicação e das discussões de comunicação comunitária. A pesquisadora analisou a cobertura que a mídia faz do Fórum Social Mundial, e afirmou “quando o evento é mostrado, geralmente é de forma pitoresca”, completando que isso seria um exemplo de como a mídia cobre os movimentos sociais. “Quando cobre, é de forma distorcida, o que fez com que muitos movimentos busquem criar meios alternativos, suas próprias mídias”, disse.

Na mesa sobre “Estratégias de comunicação nas organizações públicas e privadas”, o destaque foi a palestra do professor Jesús Timoteo Alvarez, da Universidade Complutense de Madrid, que abordou a gestão da Comunicação a partir de novos conceitos, oportunidades e ferramentas oferecidas pelas TCIs. Para o professor, a gestão da comunicação nas organizações hoje se move em três âmbitos: a gestão da reputação e de intangíveis; relações

diretas com públicos objetivos (acionistas, fornecedores, mídia, opinião público e mercado) seja por salas de imprensa virtuais, seja por redes sociais; e o estabelecimento de índices de valoração da comunicação que contabilize o valor da marca, aceitação e reputação junto ao público.

O V Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação foi um ponto de reflexão para a política científica de cooperação entre pesquisadores dos países, como também marcou o início de uma rica e produtiva colaboração entre a Intercom e a AEIC – Asociación Española de Investigación en Comunicación. Ao final do evento, ficou definido que o VI Colóquio Brasil-Espanha será na Universidade de Sevilha, em 2010.

Intercom e Sopcom retomam colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação

Eduardo Meditsch

(Professor Doutor da Universidade Federal de Santa Catarina e Coordenador do I Colóquio Brasil-Portugal)

Depois de dez anos do último evento do gênero, as sociedades científicas de Ciências da Comunicação do Brasil (Intercom) e de Portugal (Sopcom) retomaram a realização de encontros bilaterais de pesquisadores, a partir de 2008 com previsão de programação bi-anual. O I Colóquio Brasil-Portugal antecedeu o XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação que se realizou em Natal, Rio Grande do Norte, na primeira semana de setembro de 2008. O Colóquio foi aberto às nove horas do dia 2 de setembro, com uma mesa formada pelo presidente da Intercom, professor José Marques de Melo, a diretora internacional da entidade, professora Sônia Viginia Moreira, o representante da Sopcom (Portugal) na coordenação do evento, professor António Fidalgo, o coordenador brasileiro, professor Eduardo Meditsch, e o representante da coordenação local, professor Adriano Gomes (UFRN).

A primeira sessão da mesa temática, “Estudos Jornalísticos d’aquém e d’além-mar”, foi realizada logo em seguida. Foram apresentados os trabalhos “Direitos Humanos, Imprensa e Poder” por Isabel Maria Salema dos Santos Morgado (ISCSP/UTL-Portugal); “Direito das Crianças em Notícia: A Responsabilidade dos Jornalistas - Uma Análise Comparada Brasil-Portugal” por Lidia Soraya Barreto Marôpo (doutoranda da UNL- Portugal e professora da Unifor-Brasil) ; “O Brasil nas páginas do Público - Jornal Impresso de Portugal, por Olaga Maria Tavares da Silva (UFPB - Brasil); “Media, Identidade e Legitimidade: A Cimeira UE-Brasil na Imprensa Portuguesa”, por Ana Isabel Costa Martins (UC - Portugal); “Sobre Madeleine, os pais de Madeleine e os jornais”, por Beatriz Alcaraz Marocco e Christa Berger (UNISINOS-Brasil); e “Opinião Pública, Media e Cidadania: as manifestações pela paz nas vésperas da II Guerra do Golfo”, por Susana Maria Cerqueira Borges (UNL-Portugal). Das apresentações previstas para esta sessão, apenas não se concretizou a sobre “Jornalismo e Política: O Triângulo “Sistema”, “Esfera pública” e “Mundo da Vida” , de João Carlos Ferreira Correia (UBI- Portugal), que justificou a ausência. Após as apresentações, houve debate sobre os diversos trabalhos com participação do público.

Após o intervalo para almoço, foi realizada a segunda sessão da mesa temática, “Estudos Jornalísticos d’aquém e d’além-mar”. Foram apresentados os trabalhos “Jornalistas e Saberes Profissionais”, de Joaquim Manuel Martins Fidalgo (UM- Portugal); “A formação dos Jornalistas brasileiros e portugueses e o mercado de trabalho” de Paula Melani Rocha (UNICOC-Brasil) e Jorge Pedro Almeida Silva e Souza (UFP- Portugal); “Mídia e Educação: Campos em Conflito em Portugal”, de Antonio Francisco Ribeiro de Freitas (UFAL - Brasil); “Jornalismo, do Ofício à Profissão – Mudanças e continuidades em Portugal durante a década de 1960”, de Carla Maria Santos Filipe Batista (UNL - Portugal); “Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Primeira aproximação”, de Antonio Carlos Hohlfeldt (PUCRS - Brasil); “A Escola de Chicago e os estudos de jornalismo ambiental no Brasil e em Portugal”, de Antonio Teixeira de Barros (IESB- Brasil) e Jorge Pedro Almeida Silva e Sousa (UFP- Portugal) e “Imprensa Sensa-

cionalista: o entretenimento e a lógica da sensação”, de Leonel Azevedo de Aguiar (PUCRJ - Brasil). Das apresentações previstas, apenas não se realizou a sobre “A Imagem do Brasil construída por correspondentes portugueses: um estudo a partir da agência Lusa”, de Margarethe Born Steinberger-Elias (UFABC - Brasil), que justificou a ausência. Após as apresentações, houve debate sobre os trabalhos com a participação do público.

Às 19h foi realizada sessão cultural com a apresentação e debate do filme-documentário “Santa Liberdade”, dirigido pela professora Margarita Ledo, da Universidad de Santiago de Compostela (Espanha). Sob a coordenação da professora Josimey Costa (UFRN), a realizadora do filme fez uma exposição sobre a obra, seguida por comentários de Jorge Pedro Sousa (UFP-Portugal), Luis Humberto Marcos (Ismail-Portugal) e Eduardo Meditsch (UFSC-Brasil) e debate com o público.

O I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação prosseguiu no dia 3 de setembro, com a realização da mesa temática “Olhares lusitanos e brasileiros: cultura e tecnologias da imagem e do som”, coordenada pelo professor Adriano Gomes, da UFRN. Foram apresentados os trabalhos “A webradio em Portugal”, de Nair Prata Moreira Martins (Uni-BH - Brasil); “A Recepção do Cinema Novo Brasileiro em Portugal: Uma Análise de Textos da Imprensa Cinematográfica Portuguesa”, de Regina Lúcia Gomes Souza e Silva (UCSAL-Brasil); “Ficção televisiva e entretenimento”, de Isabel Maria Ferin Cunha (UC- Portugal); “A Adaptação de Obras Literárias para o Audiovisual: Camilo Castelo Branco em Paixões Proibidas, de Márcia Gomes Marques (UFMS- Brasil); “As letras no pequeno ecrã: adaptação literária para televisão”, de Filomena Antunes Sobral (UCP-Portugal); e “Relações Socioculturais na Linguagem da Mídia de Fronteira: Ponta Porã/Brasil-Pedro Juan Caballero/Paraguai”, de Karla Maria Müller e Vera Lucia Spacil Raddatz (UFRGS/ UNIJUI - Brasil). O único trabalho previsto que deixou de ser apresentado nesta mesa foi “A Discussão da Qualidade dos Canais Culturais Públicos: o Caso da A2: Portuguesa”, de Gabriela Borges Martins Caravela (UAlg-Portugal), que justificou ausência.

Na parte da tarde, foi realizada a última mesa temática do Colóquio, sobre o tema “Tendências e buscas da pesquisa lusófona em Comunicação”, sob a coordenação do professor António Fidalgo (Sopcom-Portugal). Foram apresentados os trabalhos “Um Paradigma Ibero-Americano de Comunicação Científica Digital. Um estudo da BOCC - Biblioteca online de Ciências da Comunicação”, de Claudio Cardoso de Paiva (UFPB-Brasil); “Largo novo: um novo espaço digital para o cidadão sênior”, de Ana Isabel Veloso (UA- Portugal); “O Processo de Bolonha e a formação em Comunicação: a inserção da pesquisa nos cursos em Portugal”, de Claudia Peixoto de Moura (PUCRS-Brasil); “O Profetismo Bandárrico e as Tecnologias da Comunicação”, de Maria de Jesus da Silva Rodrigues da Mota (UNL-Portugal); “Cartografias do imaginário navegante: reflexões sobre a identidade narrativa diaspórica, o “senso comum mítico” e nosso (des)conhecimento da cultura portuguesa contemporânea”, de Tiago José Lemos Monteiro (UFF- Brasil); “Dos Cravos à Rede – Um Estudo Sobre o Marketing Político em Portugal”, de Roberto Gondo Macedo (UMESP- Brasil). Dos trabalhos previstos para esta mesa, apenas não foi apresentado “A lenda de Pedro Sem: da oralidade ao cordel português e brasileiro e à literatura para crianças e jovens”, de Carlos Manuel Teixeira Nogueira (UL-Portugal), que justificou ausência. Após as apresentações, houve debate sobre os trabalhos apresentados com o público de cerca de 70 pessoas presente no recinto.

Por fim, foi realizada reunião de encerramento do I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação entre os pesquisadores participantes dos dois países, com a participação do diretor internacional eleito da Intercom, professor Edgar Rebouças. Foram debatidas formas de tornar permanente a cooperação entre os dois países na pesquisa em comunicação.

Indústria da criatividade é tema do IV Congreso Panamericano de Comunicación em Santiago do Chile

José Carlos Marques

(Professor Doutor da Universidade Presbiteriana Mackenzie)

De 22 a 24 de outubro de 2008, a Universidad Mayor de Santiago (Chile) promoveu o IV Congreso Panamericano de Comunicación. O evento teve como tema central “Indústrias da Criatividade: Criatividade, Indústrias Culturais e Desafios para os Comunicadores”.

Um dos objetivos do Congresso foi compreender o fenômeno da indústria da criatividade e sua relação com as novas linguagens e tecnologias da informação, a partir de suas imbricações com a Comunicação Organizacional, a Publicidade, as telecomunicações, a telefonia móvel, o design, o audiovisual, entre outras áreas. Além disso, buscou-se investigar os novos cenários da indústria da criatividade, os processos culturais e as políticas públicas que possam permitir o desenvolvimento profissional de comunicadores e de pesquisadores na academia.

O ato inaugural do evento teve a presença do Prof. Dr. Carlos Araos, da Universidad Complutense de Madrid e da Universidad Mayor. Foram proferidas ainda outras três conferências e realizadas quatro sessões plenárias, com a presença de alguns nomes de destaque na pesquisa em Comunicação no Brasil: César Bolaño (Universidade Federal de Sergipe), Cossete Castro (Unesp), Maria Aparecida Ferrari (Metodista de São Paulo) e José Marques de Melo (USP e Metodista de São Paulo).

O prof. José Marques de Melo, presidente de honra da Intercom, participou como conferencista do último dia do Congresso, com o tema “El Desafío de la Interacción Creativa entre Masivo y Popular”, numa mesa que discutiu o tema “Comunicación, Educación y Industrias Culturales: Nuevas Audiencias y Inteligencia Creativa”.

Para além das sessões plenárias e conferências, o encontro organizou-se em torno de dez Comissões Temáticas, que aceitaram a submissão de comunicações em torno dos seguintes eixos: 1) as novas linguagens na indústria audiovisual; 2) novos espaços de criatividade nas organizações e empresas; 3) pesquisa para o desenvolvimento da indústria da criatividade; 4) novas tecnologias, Comunicação e cultura; 5) indústria da criatividade e design; 6) novas audiências e indústria da criatividade; 7) Comunicação, educação e indústria da criatividade; 8) Publicidade e inteligência criativa: insights e criatividade; 9) políticas públicas para estimular a criatividade; e 10) criatividade e diversidade cultural.

Ao todo, foram inscritas 139 comunicações nas Comissões Temáticas. Desse montante, 68 trabalhos eram de autoria de pesquisadores do Brasil (quase 50% do total). Logo depois, apareciam pesquisadores de Chile (23 trabalhos) e Argentina (14). A presença brasileira no evento, tanto nas Sessões Plenárias como nas Comissões Temáticas, comprova a pujança da pesquisa em Comunicação nas instituições brasileiras e a importância dos estudos na área no continente americano.

Intercom 2008 em Natal reúne mais de três mil congressistas

Maria Érica de Oliveira Lima

(Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN)

Com a temática *Mídia, Ecologia e Sociedade*, o XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2008 – de 2 a 6 de setembro se passou em Natal, RN, tendo um número recorde de congressistas – mais de três mil, acolhido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Dentro das comemorações dos 50 anos da Universidade, e juntamente com a co-realização da Universidade Potiguar (UnP), Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

e Faculdades Gama Filho (Fatern), o evento foi iniciado com o pré-Congresso XI Conferência Brasileira de Folkcomunicação – reunindo pesquisadores de todo o Brasil e da Rede Folkcom, além da realização do Prêmio Câmara Cascudo – para avaliar os dez anos de produção na área e o Colóquio Bi-Nacional de Ciências da Comunicação tendo como país convidado para o diálogo Portugal.

Em 2006, por meio de conversas e articulações com o prof. Dr. Moacir Barbosa de Sousa (Coordenador local do Intercom 2008), a Diretoria geral da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), presidida na época pelo prof. Dr. José Marques de Melo, manifestou interesse em organizar um dos próximos Congressos nacional na região Nordeste, com isso efetivando seu caráter itinerante e fazendo história. Assim surgiu a idéia da sede em Natal, na UFRN e no Departamento de Comunicação (Decom).

Com os preparativos um ano antes do Congresso oficial, prof. Moacir Barbosa, demais professores do Decom, de outras instituições e mais de 200 alunos-voluntários apoiaram o Intercom 2008 e “arregaçaram as mangas” a trabalhar continuamente visando o melhor possível para os congressistas, pesquisadores, convidados, alunos, enfim, toda a comunidade científica na área de Comunicação, tendo em vista a grandiosidade e importância do evento.

O Intercom 2008 motivou várias oficinas destinadas aos estudantes e muitas atividades paralelas como, por exemplo, o simpósio de dez anos da *Revista de Economia, Política da Informação e da Comunicação* (EPTIC); III Prêmio de Relações Públicas do Brasil; IV Jornada de Iniciação Científica de Comunicação (Intercom Júnior); XV Jornada da Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom); Núcleo de Pesquisa em Comunicação (Nupecom); Colóquio Multitemáticos em Comunicação (Multicom); Encontro de Autores e Leitores de Publicações em Comunicação (Publicom), Jornada dos Profissionais na área de Comunicação (Altercom), além de atividades culturais (forró.com idealizado pelos alunos da UFRN) e ecológica, como a plantação de 25 mudas de Ipês, dando origem ao “Bosque Intercom” no campus da Universidade Federal.

Também fez parte da programação o registro da história potiguar por meio dos ícones locais (Dom Eugênio Salles, Calazans Fernandes e o pioneirismo da Escola de Jornalismo Eloy de Sousa) no I Ciclo de Debates sobre Temas Livres em Comunicação – Libercom.

No viés histórico da Intercom 2008, a mudança de diretoria da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação tendo a Assembléia dos Associados da Intercom (ASSEMBLECOM) como marco, registrou em Natal a posse do novo presidente, Antonio Hohlfeldt, e da vice, Nélia Del Bianco.

Rede Politicom: fomento científico para pesquisas em Marketing Político

Roberto Gondo Macedo

(Doutorando em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Docente da Universidade Metodista de São Paulo e Faculdade de Mauá - FAMA)

VII Conferência Brasileira de Marketing Político – Politicom realizada no mês de Outubro de 2008, mais precisamente nos dias 16 e 17, nas dependências da Faculdade Prudente de Moraes, na cidade de Itu, no estado de São Paulo representou um marco na história do evento no que tange a pesquisa científica em Comunicação Política e Marketing Político.

Idealizado pelo Prof. Dr. Adolpho Queiroz em sua linha de atuação no programa *Stricto Sensu* na Universidade Metodista de São Paulo, o Politicom desenvolvido inicialmente como Seminários Brasileiros de Marketing Político foi realizado nas estruturas da UMESP, nos anos de 2002 e 2003. Posteriormente foi realizado em IES no estado de SP, sendo 2004 em Limeira, nas estruturas do Instituto de Ensino Superior de Ciências Aplicadas e em 2005, nas dependências das Faculdades Claretianas de Rio Claro em São Paulo.

Em 2006, o evento retornou a sua instituição de origem apresentando um diferencial em sua estrutura, organizado em forma de Palestras, Mesas de debates e Grupos de Trabalhos, com temáticas

relacionadas ao universo de Marketing Político, não obstante, sua nomenclatura foi modificada para a Conferência Brasileira de Marketing Político, na qual se mantém até os dias atuais. Em 2007, a Faculdade Anhanguera de Santa Bárbara do Oeste, no interior de SP, teve o papel de anfitriã para a Conferência.

Com o objetivo de atuar nacionalmente de forma contributiva para o universo científico da comunicação política e compreendendo a sua relevância nessa área do conhecimento que abrange características polêmicas e extremamente intrínsecas no cenário social brasileiro, o Politicom promoveu novas formas de democratização do conhecimento empírico em Marketing direcionado para a política. Lançou a Revista Brasileira de Marketing Político que, com o objetivo de tiragem semestral, visa promover de forma mais dinâmica debates com especialistas no assunto sobre situações e ações que versam tanto pesquisas na área do conhecimento, como também a visão de profissionais que atuam no campo profissional, desenvolvendo ações comunicacionais nas mais diversas escalas políticas nacionais e internacionais. Outra conquista foi agregar ao quadro de produções bibliográficas na área de comunicação política um livro eletrônico, *A Propaganda Brasileira no Brasil Contemporâneo*, publicado com o apoio da Editora UMESP. A obra apresenta uma coletânea de artigos de pesquisadores atuantes em diversos estados da federação brasileira com temas norteadores apresentados e discutidos nas versões anteriores do evento, por intermédio das palestras e artigos científicos apresentados em GT's. Além disso, fundou oficialmente sua Sociedade com vistas a agregar novos pesquisadores nos próximos anos e a ampliar seu leque de produções científicas, com o nome de Sociedade Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Marketing Político Politicom. Essa rede objetiva colaborar para o cenário científico de forma ativa na questão de produções acadêmicas, participação e integração em outros eventos realizados em outros estados e países.

Com grandes propostas para os próximos semestres, a Sociedade Politicom já conta com apoio de representativas organizações de relevância nacional, como a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a Associação Brasileira de

Consultores Políticos – ABCOP e um corpo diretivo de pesquisadores representantes de diversas instituições acadêmicas.

Para 2009, os ânimos para a produção de um evento cada vez mais fortalecido já se iniciou, e em conjunto com a Universidade de Taubaté – Unitau, no campus de Taubaté, SP.

SBPJor completa cinco anos e realiza seu maior encontro nacional

Carlos Franciscato

(Professor Doutor da Universidade Federal de Sergipe –UFS - e presidente da SBPJor)

A Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor) realizou, nos dias 19 a 21 de novembro de 2008, o seu 6º Encontro Nacional, em São Bernardo do Campo (SP), em parceria com a Universidade Metodista de São Paulo. Foi o maior evento já organizado pela entidade, com 152 *papers* aprovados para apresentação em três dias de atividades, reunindo 191 autores e co-autores, incluindo uma sessão de lançamento de livros sobre Jornalismo. Além de brasileiros, participaram pesquisadores de Portugal, Espanha e Estados Unidos. A conferência de abertura foi proferida por Silvio Waisbord, professor na School of Media and Public Affairs da George Washington University, EUA, e autor do livro *Watchdog Journalism in South America*.

Neste 6º Encontro Nacional, a SBPJor completou cinco anos de existência. Fundada em seu primeiro encontro na Universidade de Brasília, em novembro de 2003, a SBPJor tem levado seu congresso para diferentes regiões do Brasil. Ocorreram dois congressos na região Sul, dois no Nordeste, um no Centro-Oeste e um no Sudeste. Em 2009, o 7º Encontro será também no Sudeste, promovido pela Universidade de São Paulo. Assim, a SBPJor busca afirmar sua atuação como entidade nacional que fomenta o desenvolvimento regional da pesquisa em Jornalismo.

Nos cinco primeiros encontros da Associação, foram apresentados 520 trabalhos científicos, de diferentes áreas e interfaces para compreensão deste objeto e construção do campo. Esta produção estará brevemente disponível em seu conjunto e totalidade no novo site da entidade, assim como um banco de teses e dissertações sobre Jornalismo. Tal acervo acessível online facilitará a consulta, a interação e a percepção do panorama de crescimento e amadurecimento das pesquisas na área.

Uma das preocupações da SBPJor tem sido o reconhecimento internacional da pesquisa brasileira em Jornalismo. Para isso, a entidade criou a *Brazilian Journalism Research*, um periódico científico de alta qualidade de conteúdo destinado a projetar a produção brasileira em Jornalismo em fóruns internacionais, além de realizar eventos que estimulam a interlocução entre pesquisadores brasileiros e internacionais.

A SBPJor tem procurado conduzir o desafio de consolidação do campo científico do Jornalismo não somente no trabalho de seus pesquisadores para desenvolvimento interno do campo em relação a outras áreas do conhecimento, mas em diálogo com outras entidades e organizações. Por isto, tem reforçado uma parceria com as demais entidades do campo para a consolidação da área, como a Federação Nacional dos Jornalistas e o Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo. Recentemente, apoiou o surgimento da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (SOCICOM), uma estratégia de consolidação do campo acadêmico da Comunicação.

Um dos passos que a SBPJor quer trilhar nos próximos anos é, além de reforçar o campo científico do Jornalismo, estreitar vínculos com a própria atividade jornalística, com o conhecimento prático produzido pela comunidade profissional e pelas organizações sociais envolvidas em sua produção. Seus atores individuais e coletivos, os setores produtivos, bem como os processos de produção e os produtos resultantes geram um saber, uma compreensão sobre o jornalismo. O que coloca também uma necessidade de estímulo à produção de influências recíprocas entre o campo científico do Jornalismo e o ambiente da atividade jornalística.